

## Cardoso Pires, os espelhos de "O Delfim"

ANTÔNIO CALLADO

OSÉ CARDOSO PIRES

### O DELFIN ROMANCE



**J**OSÉ Cardoso Pires fez, com *O Delfim*\*, um romance em que a história narrada e a estrutura em que é narrada se integram e ao mesmo tempo se modificam ao correr do livro, como uma engenhosa galeria de espelhos. Existe, aliás, no livro um espelho central, que é o próprio lago da quinta senhoril dos Palma Bravo, espelho assim descrito: "Lagoa, para a gente daqui, quer dizer coração, refúgio da abundância. Ode. Ilha. Ilha de água cercada de terra por todos os lados e por espingardas de lei." Há gerações pesca-se na lagoa e abatem-se aves, que os cães vão recolher. No fim do livro a caça que se retira das águas é o cadáver de Maria das Mercês, a jovem senhora da quinta, bonita, fugidia, com esse ar de falso enigma que o ócio comunica às mulheres que não têm nada que fazer. O segundo espelho é a aldeia da Gafeira, onde existem ruínas romanas e as viúvas-de-vivos, assim chamadas porque os maridos emigraram para o Canadá ou o Brasil. Para o engenheiro Palma Bravo e sua mulher Maria das Mercês, a aldeia, com seus aldeões, é um vago amontoado de casas e gente sem a menor importância. Para esta gente, a tragédia que se abateu sobre a família do engenheiro, que já lhes dominava os avós, é o sinal de que alguma justiça ainda existe na ordem natural das coisas. Não a justiça que, depois de um crime, reconstrói a harmonia rompida do mundo moral, mas, pelo menos, uma justiça vingativa, que pune a ésmo e às vezes pune certo. O principal elemento de ligação entre os dois espelhos é o narrador, o romancista, que escuta gulosamente as maledicências dos aldeões mas não se livra do fascínio de ir tomar seu uísque ou seu vinho no bodegón particular de Palma Bravo, que nada tem a dizer, mas cujas palavras cintilam com aquele brilho que vem de gerações de gente bem educada e bem alimentada. O romancista é o intelectual que se rebela intimamente contra séres as-

sim, mas que, física e mentalmente, se compraz no ameno convívio dos ricos. Do ponto-de-vista estrutural do romance, Cardoso Pires também confronta as técnicas do romance policial e do moderno romance psicológico, sem se deixar levar nem pela trama matemática do primeiro e sem mergulhar nas elucidações exaustivas do segundo. Capaz de lidar com ambos os gêneros, Cardoso Pires misturou-os para criar um mundo também indeciso e cambiante. No solar e na lagoa extingue-se uma raça que não merece lágrimas nem pêsames, na aldeia cria-se uma outra ainda por demais informe e mesquinha para despertar uma ternura sem ressalvas. No solar há um poder que, por indiferença e tédio, ninguém mais usa, na aldeia ainda não existe a consciência de um poder que precisa ser formulado e impôsto. O símbolo geral da situação é que a aldeia se lava em água de rosas pelo mero fato de haver ocorrido um crime de vergonha na quinta. Mas ela, a aldeia, sequer influiu nos acontecimentos. A tragédia greco-policial foi representada num compartimento estanque, foi perfeita em si mesma, auto-suficiente. O livro de José Cardoso Pires, que forma na vanguarda dos modernos ficcionistas portugueses, tem extraordinária fluência e quase nenhum tropêço de língua para o leitor brasileiro. Pouco importa que um toca-discos seja um giradiscos e em pouco descobre-se que o cauteleiro de lotaria é o vendedor de bilhetes de loteria. Há interjeições curiosas como *Chia!* Ou trechos de diálogo assim: "Respeito, pá." Não poderíamos dizer, "Respeito, cara," mas não "pá." O autor-narrador descreve-se assim, página 37: "Eu, senhor escritor da comarca de Portugal, e portanto animal tolerado." Essa descrição serviria para muitos de nós, na comarca do Brasil.

(\*) *O Delfim*, José Cardoso Pires, Civilização, Rio, 1971, 183 pp., Cr\$ 18,00.